

Representações e apropriações dos topônimos/ etnônimos indígenas numa carta geográfica do século XVII

Representations and appropriations of indigenous toponyms/
ethnonyms in a geographical chart of the 17th century

Protasio Paulo Langer¹

protasiolanger@ufgd.edu.br

Resumo: No presente artigo, propomos elucidar um conjunto de dilemas relacionados aos processos de elaboração, circulação e apropriação de uma carta geográfica, do século XVII, que representa o Paraguai colonial e adjacências. Num primeiro momento, serão analisados quesitos relativos à autoria, cronologia, e fontes que subsidiaram a produção de mapas no mercado cartográfico holandês seiscentista. Num segundo momento, o foco serão as disputas simbólicas e considerações de intelectuais das ciências humanas em torno de temas e dilemas concernentes a esse mapa.

Palavras-chave: mapas, Rio da Prata, topônimos/etnônimos, apropriações.

Abstract: In this article we intend to clarify the various dilemmas related to the process of elaboration, circulation and attribution of ownership of a seventeenth century map of colonial Paraguay and adjoining territories. We will first examine questions related to authorship, chronology and the sources for the production of maps in the Dutch cartography market of the seventeenth century. Secondly, we will focus on significant disputes and considerations of intellectuals in human sciences about the themes and dilemmas concerning this map.

Keywords: maps, Río de la Plata, toponyms/ethnonyms, appropriations.

Introdução

O propósito do presente trabalho é analisar o surgimento, a circulação e as apropriações de uma carta geográfica que se tornou referência no mercado editorial cartográfico seiscentista. O documento central será o mapa intitulado *PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA cum regionibus adjacentibus*

¹ Professor de História da América e de História Indígena na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

TUCUMAN et S.^{TA} CRUZ DE LA SIERRA, que de ora em diante abreviaremos como *PARAGUAY, Ó PROV.* [...]. Como e quando surgiu, quais fontes topográficas e “etnográficas” subsidiaram sua criação e, finalmente, como esse mapa foi apropriado por distintos personagens do campo editorial e das ciências humanas (geógrafos, historiadores, antropólogos), são algumas questões que o presente trabalho pretende abordar.

Quanto à abordagem teórico-metodológica, o trabalho busca inspiração nos estudos que, nas últimas décadas, renovaram a história da cartografia desmistificando a suposta objetividade dos mapas ao apresentá-los como artefatos, constituídos em contextos sociais e culturais específicos, cuja linguagem gráfica e visual é dotada de tensões e poderes intelectuais e imaginários (Gomes, 2004). Como imagens, as fontes cartográficas merecem um tratamento teórico-metodológico próprio, uma leitura/interpretação dos artefatos cartográficos em si, assim como dos processos de criação/apropriação/circulação que lhes são inerentes. Portanto, imagens cartográficas, apropriação e representação dos topônimos/etnônimos do Rio da Prata seiscentista são ideias-chave que norteiam o presente estudo.

Nesse sentido, nosso trabalho centra-se em dois contextos espaciais e temporais distintos e distantes um do outro: o processo de criação, as fontes e a circulação situam-se na Europa do século XVII; já as apropriações simbólicas, as submissões da referida carta geográfica a ideários e interesses prévios, de natureza extracientífica, situam-se na América do Sul do século XX.

Brian Harley, um dos expoentes da nova História da Cartografia, observava que, entre os historiadores, os mapas são conhecidos, porém mal compreendidos. “Los historiadores tienden a relegar los mapas, junto con cuadros, fotografías y otras fuentes no verbales, a un tipo de evidencia de menor categoría que la palabra escrita” (Harley, 2005, p. 59). O mapa, tal como outras imagens, teria um status secundário, mais ilustrativo e menos suscetível a um estudo histórico. Para Maffesoli, o motivo para essa falta de interesse e compreensão das imagens (entre elas, os mapas) seria a tradição epistemológica da modernidade que teme as imagens por extrapolar ou por não se sujeitarem ao domínio da racionalidade. “A imagem sempre incomodou por ser artefato, criação humana, representação artificial gerada pelo homem. A fonte da imagem é tecnológica [...] Trata-se da oposição típica moderna ao que não pode ser dominado pelo cérebro, pela razão” (Maffesoli, 2001, p. 81).

Por outro lado, desde tempos remotos a representação de um território ou de objetos num espaço circunscrito, em forma de imagem, sobre distintos suportes, tornou-se um artefato primordial na ocupação humana do globo

terrestre. A partir do alvorecer da era moderna, o mapa, integrado a um ferramental náutico voltado à conquista de terras e oceanos, alcançou cada vez mais credibilidade técnica e simbólica. “Los cartógrafos modernos por lo general consideran que sus mapas son manifestaciones escritas concretas en el lenguaje de las matemáticas” (Harley, 2005, p. 63). Ao analisar a *Cosmografía universal* de Thevet, Frank Lestringant comentou a euforia, por vezes soberba, do cosmógrafo que, com seu instrumental técnico-prático, concebia sua obra como um retrato da superfície terrestre. “O entusiasmo, e mesmo a *hybris* do cosmógrafo, manifesta-se, a crer-se em Thevet, nesse lugar geométrico e indeterminado onde o mundo, reduzido às linhas essenciais, mostra-se totalmente compreensível – no sentido pleno do termo” (Lestringant, 2009, p. 42). Essa pretensa precisão técnico-científica e a peculiar forma de representar a fisionomia terrestre promoveram o mapa em objeto-símbolo e condição para a existência da Geografia (Girardi, 2009, p. 148).

Conceitualmente o trabalho norteia-se a partir das noções de representação e apropriação, desenvolvidas por Chartier, quando assevera que toda leitura, seja de um texto, de uma imagem, de uma canção, de um filme, etc., é um exercício ativo no qual o leitor se apropria, interpreta e atribui um sentido próprio ao “texto” lido.

Ler, olhar ou escutar são, efectivamente, uma série de atitudes intelectuais que – longe de submeterem o consumidor à toda-poderosa [SIC] mensagem ideológica e/ou estética que supostamente o deve modelar – permitem na verdade a reapropriação, o desvio, a desconfiança ou resistência (Chartier, 1990, p. 59-60).

O emprego dessa ideia à leitura das fontes em questão sugere que entre a imagem/texto e o leitor há uma relação complexa, não transparente, marcada por práticas de leitura histórica e socialmente variáveis. “Os textos não são depositados nos objectos, manuscritos ou impressos, que o suportam como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole” (Chartier, 1990, p. 25).

Antes que esse mapa se tornasse o foco da atenção deste trabalho, inúmeras leituras, releituras e interpretações, de cunho geográfico (náutico, topográfico, etnográfico), sucederam-se ao longo dos séculos. Destacamos, por ora, as experiências empíricas dos conquistadores que descreviam ao leitor europeu suas façanhas de conquista do *Novo Mundo*; a prática dos geógrafos que “compilavam” tais escritos e, a partir destes, elaboravam suas obras geo/cartográficas; e, finalmente, a recepção desse material por pesquisadores.

PARAGUAY, Ó PROV. [...]²: considerações sobre a construção e apropriação de um artefato cartográfico

Um imbróglia cronológico e autoral

Quando lançamos o título do mapa em questão na caixa de pesquisa do aplicativo Google, dezenas de imagens, exibindo diversos anos de publicação, nomes autorais e matizes, aparecem na tela. Quando se ingressa nos sítios que abrigam essas imagens, para comparar umas às outras, percebem-se apenas oscilações, nos nuances, na reivindicação autoral e no ano de publicação, decorrentes de sucessivas edições do mesmo mapa. No mais, em relação ao conteúdo geo/topográfico inscrito nas linhas que contornam e enquadram o espaço rio-platense, há uma analogia plena. Diante desse fenômeno, que evidencia uma reprodução sistemática da mesma obra por distintos autores ao longo de várias décadas, desvendar a cronologia e a “verdadeira” autoria representou um desafio técnico exaustivo.

No rol a seguir, relacionamos algumas das diversas edições do mesmo mapa. Na primeira coluna fizemos algumas observações aos dados técnicos que figuram nas fichas das instituições que abrigam exemplares do mapa e que disponibilizam cópias digitais.

Os dados técnicos da primeira coluna foram mantidos tal como as bibliotecas/arquivos digitais os apresentam. Entre esses dados, o mais oculto e difícil de ser desvendado é a data, pois o ano da produção/edição do mapa não foi gravado em nenhuma das cópias disponíveis. Certamente essa omissão decorre do fato de que originalmente essas cartas estavam inseridas em coletâneas de mapas (atlas) que também traziam descrições corográficas que complementavam e facilitavam a interpretação. O ano da edição foi gravado no atlas como um todo (geralmente no frontispício), mas não em cada mapa. Dois procedimentos podem ter ocasionado essa separação do mapa do seu (con)texto mais amplo. (i) Os mapas podem ter sido impressos e comercializados de forma avulsa, pelos próprios editores que possuíam as matrizes de cobre e; (ii) certamente, ao longo dos séculos, muitos mapas foram seccionados dos seus atlas originais e, como tal, recolhidos e indexados nos acervos cartográficos onde atualmente se encontram.

O objetivo Quadro 1 é conferir visualidade ao grande imbróglia que envolve a autoria, as sucessivas impressões e a cronologia desse mapa. A partir de dados técnico/bibliográficos levantados ao longo da pesquisa, podemos afirmar que os dois primeiros mapas do quadro foram datados equivocadamente pelas instituições que os abrigam – Gallica – Bibliothèque Numérique (França) e Biblioteca Nacional Digital (Brasil), respectivamente. No primeiro caso, datado como sendo de 1613, o mapa seguramente é de 1629. O segundo, indexado, com hesitação, como sendo 1616, é posterior a 1629. As fontes históricas que fundamentam esses reparos cronológicos dizem respeito a um imbróglia do mercado editorial cartográfico de Amsterdã, nas primeiras décadas do século XVII. Naquele então, duas casas editoriais rivalizavam: de um lado, a casa Hondius que, após a morte do fundador, Jodocus Hondius (1563-1612), foi continuada por seus filhos Jodocus Hondius II, Henricus Hondius II e pelo cunhado desses dois, Johannes Janssonius e, de outro, a casa Blaeu. Esta foi fundada por Willem Janszoon Blaeu (1571-1638) e continuada por seu filho Joan Blaeu. Em 1629, ocorreu uma transação que levou, nos anos seguintes, a uma profusão de mapas idênticos estampando distintos autores/impressores. Maria de Fátima Costa resumiu o evento nos seguintes termos:

Hondius II era cunhado de Janssonius, ambos rivais de Blaeu. Antes de falecer, porém, em 1629, Hondius vendeu a Blaeu um lote de pranchas de cobre gravadas com desenhos de alguns dos seus mapas, dentre os quais o da Província do Paraguai. Janssonius deplorou o fato e, tentando remediar a perda, procurou os gravadores e lhes encomendou reproduções dos antigos desenhos vendidos a Blaeu. Desta forma, tanto Janssonius como Blaeu passaram a possuir e publicar cópias idênticas (Costa, 2007, p. 27-28).

Paulus Swaen (2014), proprietário de uma casa de leilão de mapas antigos, escreveu um artigo no qual apresenta diversos aspectos e detalhes da referida transação. Além dos 40 mapas, cujas pranchas de cobre foram vendidas a Blaeu, Swaen apresenta um contrato, firmado pelos sócios Henricus Hondius e Joannes Janssonius e por dois gravuristas, que previa a gravação de 36 mapas em 18 meses. Entre as 40 pranchas vendidas pela viúva de Jodocus Hondius II a Willem J. Blaeu, e entre as 36 pranchas encomendadas por Henricus Hondius e seu

² O primeiro título desse mapa foi exarado em holandês: PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA; met de aenpalende landen van TUCUMAN, ende S.TA CRUZ DE LA SIERRA. Nas edições francesas de 1630 e 1640, o título foi latinizado da seguinte forma: PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA cum adjacentibus Provinciis quas vocant TUCUMAN, ET STA CRUZ DE LA SIERRA. Todavia, nos Atlas de Ioannes Janssonius e de Blaeu, que se tornaram os mais conhecidos, o título passou a ser: PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA cum regionibus adjacentibus TUCUMAN ET STA. CRUZ DE LA SIERRA.

Quadro 1. Comparativo das diversas edições/gravações do *PARAGUAY, Ó PROV. [...]*.

Chart 1. Comparative of the various editions of *PARAGUAY, Ó PROV. [...]*.

Dados e observações técnicas acerca das edições do mapa: <i>Paraguay, o prov.</i>	Miniatura	Cartelas/Tarjas
Esse mapa é atribuído, pela <i>Biblioteca Nacional da França</i> (BNF), a: Jodocus Hondius I (1563-1612) . O ano de publicação seria 1613 . De acordo com nossa análise, há um equívoco na atribuição desses dados (Hondius, 1613).		
De acordo com a <i>Biblioteca Nacional Digital/Brasil</i> esse mapa teria sido publicado no ano de 1616 . Na cartela ao lado percebe-se que essa data foi atribuída após a edição. Vale observar também que no tópico assunto figuram duas palavras-chave que, de acordo com nossa análise, não procedem: Jesuítas - Missões ... (Blaeuw, 1616).		
Provavelmente esse mapa é o protótipo imitado por diversos cartógrafos e editores seiscentistas (De Laet, 1625).		Sem cartela que indique local e editor/impressor
Também indexado na <i>Bibliothèque Nationale de France - Gallica Bibliothèque Numérique</i> , esse mapa é idêntico ao primeiro do Quadro. Na ficha catalográfica figura, corretamente, o ano de 1629 (Hondius, 1629).		
Mapa pertencente ao <i>Institut Cartogràfic de Catalunya</i> , corretamente datado no ano 1630 (Iassonius, 1630).		
A <i>Cosmographia Blaviana</i> Parte V, onde nas páginas p. 417-418 figura o <i>Paraguay ó prov. [...]</i> foi indexada pela <i>Fundación San Millán de Cogolla</i> como sendo do ano de 1620. Porém no frontispício da obra consta o ano de 1631 (Blaeuw, 1631 [1620]).		

cunhado Janssonius, estava aquela que é o nosso objeto de pesquisa. Portanto, devido a essa disputa editorial, aparecem três nomes distintos de impressores/editores, em mapas idênticos; (i) Jodocus Hondius II (1593-1629) que preparou essa e outras cartas para renovar o Atlas Mercator que herdara do seu pai (Jodocus Hondius) e que seria apresentado na feira do livro de Frankfurt, no outono de 1629; (ii) Willem Blaeu, que comprou as pranchas da viúva de Jodocus Hondius II; (iii) Joannes Janssonius, que com seu cunhado Henricus Hondius contratou gravadores para gravarem as mesmas pranchas idênticas às originais vendidas a Blaeu.

A partir da cronologia desses eventos, sugerimos que a datação para o primeiro mapa da lista está equivocada. Em relação ao 2º, a data sugerida (1616?) também não se sustenta, pois Willem Blaeu passou a editar esse mapa somente a partir de 1630, após haver adquirido as pranchas, no final de 1629³. Vale observar que na tarja do segundo mapa foi inscrito, *a posteriori*, o seguinte registro: *MDCXVI ANNU*. Ainda que com ressalvas, esse registro foi considerado na indexação desse mapa na Biblioteca Nacional Digital do Rio de Janeiro.

Até o presente momento não identificamos qualquer publicação do *PARAGUAY, Ó PROV. [...]* comprovadamente anterior a 1625, ano da edição da obra *Nieuwe Wereldt ofte Beschrijvinghe van West-Indien [...]* (Novo Mundo ou descrição das Índias Ocidentais)⁴, de autoria de Joannes de Laet (ou latinizado *Ioannes Latius*). Na abertura do décimo segundo livro (*Twaelfste Boeck*) dedicado ao *Río de la Plata*, entre as páginas 394-395, encontra-se a referida carta. É importante observar que essa versão do mapa não apresenta a típica cartela com a indicação do lugar (*Amstelodami*) e do impressor/editor (*Jodocus Hondius* etc.), como os demais. Certamente o autor julgou desnecessário tal adereço por supor que a autoria do mapa estivesse subentendida na própria obra.

Depois de De Laet, 1625, o mapa em questão reaparece em 1629, com Jodocus Hondius II. Possivelmente este cartógrafo/editor estabeleceu algum vínculo – transação, parceria, colaboração, ou mesmo de apropriação “imprópria” – com Joannes De Laet, pois, além dessa, três outras cartas geográficas (PERV, CHILI, GVAIANA [Guiana]) similares à publicada por De Laet, em 1625, passaram a ser editadas, a partir de 1629, com uma cartela indicando autoria/edição de Jodocus Hondius II, Willem Blaeu ou Joannes Janssonius.

A partir desse conjunto de dados (enquanto não aparecerem evidências materiais), é possível declarar que

De Laet foi o primeiro a publicar o mapa em questão e, como tal, está diretamente relacionado à autoria do *PARAGUAY, Ó PROV. [...]*. Não obstante, outros personagens podem ter participado como gravuristas, colaboradores ou mesmo coautores; todavia, nessa pesquisa não levantamos dados a esse respeito.

De Laet foi um dos fundadores e diretor da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais e, além da prática comercial, foi geógrafo, escritor e estudioso dos manuscritos, crônicas e mapas dos conquistadores da América. Na obra de De Laet, o mapa antecede e anuncia o 12º. *Livro* (capítulo) intitulado *Río de la Plata*. Esse *Livro*, composto por 17 páginas, história e situa as expedições de descobrimento, a conquista e fundação de povoados espanhóis e, sobretudo, os contatos dos conquistadores com os grupos indígenas ao longo do curso do Rio da Prata. Esse, aliás, é outro argumento que fortalece o protagonismo de De Laet na criação do mapa. Enquanto os demais geógrafos/editores de mapas concedem no máximo 3 páginas à descrição histórica e geográfica do Rio da Prata, De Laet oferece 17.

Nesse sentido, na obra de De Laet há uma integridade, entre imagem cartográfica e descrição corográfica, que não ocorre nos Atlas de Jodocus Hondius II, Janssonius e Blaeu. Com algumas poucas exceções, quase todos os topônimos e etnônimos gravados no mapa foram mencionados ao longo do 12º. *Livro*, de De Laet. Confrontar o *PARAGUAY, Ó PROV. [...]* com o texto que complementa o mapa e, desse modo, desvendar as fontes que alimentaram a criação 12º. *Livro* constitui o próximo desafio.

As fontes do PARAGUAY, Ó PROV. [...]

O Rio da Prata e seus afluentes estão sinalizados na cartografia colonial desde a segunda década do século XVI. Dezenas de cartas geográficas, do tipo portulano, exibem traçados do sistema fluvial platino e gravuras representando indígenas e aspectos do mundo natural. Porém, até 1625 a diversidade étnica, tão abundante nas crônicas quinhentistas, não havia sido representada nos mapas. Nesse aspecto, o *PARAGUAY, Ó PROV. [...]* foi a grande inovação cartográfica do século XVII.

No intuito de entender o processo de criação do mapa, tomamos como foco o próprio Rio da Prata e, subindo seu curso, seus afluentes. Como observa Costa (2007), foi subindo o curso das águas do sistema fluvial

³ Nos mais diversos arquivos e bibliotecas, a ocorrência de equívocos na indexação cronológica dos atlas e mapas antigos é muito comum. A obra *Cosmographia Blaviana Parte V*, que nas páginas 217v-218 exibe o *PARAGUAY, Ó PROV. [...]* foi indexada pela *Fundación San Millán de la Cogolla* como sendo de 1620.

⁴ Em 1625, Laet publicou *Nieuwe Wereldt ofte Beschrijvinghe van West-Indien, uit veelerhande Schriften ende Aen-teekeningen van verscheyden Natien*. No século XVII essa obra foi publicada também em latim e francês. Somente em 1988 foi traduzida para o espanhol (Cf. De Laet, 1625, 1988 [1625]).

platino que os espanhóis descreveram o entorno geográfico e empreenderam a conquista da América Meridional. Nosso foco será observar como, com que recursos e sob quais motivações De Laet gravou os topônimos e os grupos indígenas rio-platenses.

A começar pela foz do Rio da Prata até a cidade de Assunção, os acidentes geográficos – rios, cabos, lagos e ilhas – foram inscritos no mapa com base no *Canto segundo* do poema épico *Argentina* de Martín del Barco Centenera. De Laet cita esse escritor, tanto numa lista de fontes quanto ao longo do texto. Nesse *Canto*, o poeta canta a “grandeza del Río de la Plata, del Paraguay, y de las islas, peces, aves” (Barco Centenera, 2002 [1602], Canto segundo, Versos 217-224). De Laet se apropriou das estrofes e das notas explicativas desse poema e, a partir delas, compôs um texto corográfico. Desse modo, os acidentes geográficos referidos nos versos de Barco Centenera constam no texto de De Laet e, por conseguinte, no seu mapa. Entre os principais destacamos: *Cabo de Santa Maria*, *Islas de los Castillos*, *de los Lobos*, *de las Flores*, *de Maldonado*, *de Martín Garcia*, *de San Lázaro*, Rio *Vrayg* (Uruguai), *San Salvador*. Na margem oposta, figuram o Rio *Bermejo*, *Ypiti* e o Lago *de los Mahomas*, Rio *Paraná-miri* e *Pilcomayo*. Todos esses topônimos figuram, mais ou menos na mesma

sequência, no poema de Barco Centenera, no texto de De Laet e no mapa. Nesse sentido, De Laet tomou para si um poema épico e transmutou-o em texto corográfico e em imagem cartográfica.

Para dispor os grupos indígenas ao longo do baixo Rio da Prata, entre os 36 e 25 graus de latitude, De Laet recorreu a uma fonte que ele não arrola na lista e tampouco menciona no interior do texto. Trata-se de um documento intitulado: *A ruttier which declareth the situation of the coast of Brasil from the Isle of Santa Catelina vnto the mouth of the riuer of Plata, and all along vp within the sayd riuer, and what armes and mouthes it hath to enter into it, as farre as it is nauigable with small barks*⁵.

Embora no título do IV Capítulo, do 12º. *Livro*, De Laet assegure que sua fonte é baseada em descrições de vários marinheiros espanhóis, é notório que seu texto é uma versão da referida rota náutica. Os dois fragmentos que apresentamos na Figura 1 ilustram a apreensão de De Laet desse derroteiro náutico publicado em 1600 e escrito em inglês.

Comparando os dois excertos, fica evidente que De Laet apenas traduziu, para o idioma neerlandês, o documento náutico escrito em inglês que, traduzido para o português, diz o seguinte:

u vanden zyn. Van Santo Spiritu tot een volck welck genaemt wordt los Tenbuis, zyn 15. leguen. Dit is den enghen arm op: van de Tenbuis tot de Quiloacas. welck is een ander natie/ zyn 20. leguen: ende alle dese rieviers sanghs is veel volcks. Van de Quiloacas tot een plaetse daer de Spaegniaerden nu een Stadt hebben ghebout/ zyn 15. leguen. Van dese Stadt tot een volck genaemt Mequaretas, zyn 20. leguen, hier zyn veel d:oochren die 30. leguen dueren/ en is al verdroncken land/ daer zyn veel Ep:landen en volckeren/ vanden bande Spaegniaerden: doo: dese 30. leguen komt men tot de Mepenes, ende van hier hebt ghy (upt) genomen noch acht leguen verdroncken

(a)

more because it is the longer way. From the Tenbuis by this narrow arme upward unto the Quiloacas, which is another nation, are twentie leagues; and all up this river is great store of people. From the Quiloacas, to a place where the Spaniards now have builded a towne, are fiteene leagues. From this towne unto the people called Los Mequaretas is twentie leagues. Here are many sholds which continue thirtie leagues. All these thirtie leagues are sunken landes: where are many Isles, flats, and nations, which are our enemies. From the Mequaretas unto the people called Mepenes are these thirtie leagues. And from hence begin the

(b)

Figura 1. Fragmentos da obra de (a) De Laet (1625) e de (b) Hakluyt (1904 [1600]).

Figure 1. (a) De Laet (1625) and (b) Hakluyt (1904 [1600]) excerpts.

⁵ Esse texto encontra-se numa coletânea de relatos de viagens publicada por Hakluyt (1904 [1600]).

*A partir dos **Tenbuis** por este braço estreito para cima até aos **Quiloacas**, que é uma outra nação, são 20 léguas; [...] Desde os **Quiloacas**, para um lugar onde os espanhóis edificaram agora uma cidade, são 15 léguas. A partir desta cidade ao povo chamado **Los Mequaretas** são 20 léguas. [...]. Todas essas 30 léguas são terras submersas: onde estão muitas ilhas, planícies e nações inimigas. A partir dos Mequaretas ao povo chamado Mepenes são esses 30 léguas (tradução nossa).*

Relacionando a descrição do roteiro náutico com os etnônimos que figuram no baixo Rio da Prata, percebe-se que a sequência geográfica, da disposição das parcialidades étnicas, e a coincidência ortográfica dos etnônimos do mapa confirmam o uso desse documento. Diversas fontes do século XVI registraram os mesmos grupos indígenas que figuram no mapa e no documento

inglês. O Quadro 2 permite comparar como outros escritores grafaram os mesmos etnônimos. Este quadro corrobora que a fonte de De Laet para situar os grupos étnicos do baixo Rio da Prata foi o *A ruttier which declareth [...]*.

Subindo algo mais o Rio da Prata – que acima da foz do Rio Paraná passa a ser denominado Rio Paraguai – chega-se a Assunção. Os etnônimos das cercanias dessa cidade são conhecidos dos cronistas em geral e, no mapa, foram grafados com base em Cabeza de Vaca e Herrera. *Yaperues*, *Guaicurues* e *Carios* são grupos conhecidos e descritos por diversos escritores, mas a grafia, *ipsis litteris* como aparece no mapa, só confere com Herrera y Tordesillas (1728 [1601-1615]), que teve por fonte os *Comentários* de Cabeza de Vaca (1922 [1555]).

Mais acima, no lado esquerdo do Rio Paraguai, quatro etnônimos se destacam: *Paiembos*, *Bascherepos*, *Surucusis* e *Guebecusis*. Esses grupos não aparecem, com

Quadro 2. Quadro ortográfico dos etnônimos do século XVI.

Chart 2. Orthographic table of the ethnonyms of 16th century.

Grafia dos etnônimos de acordo com a fonte usada por De Laet	Grafia dos mesmos etnônimos por outros cronistas
Tenbuis	Ramírez = <i>Tinbus</i> Schmidel = <i>Tyembus</i>
Quiloacas	Díaz de Guzmán = <i>Quiloazas</i> Schmidel = <i>Gulgeissen</i> Barco Centenera = <i>Chiloazas</i>
Mequaretas	Ramírez = <i>Mecoretais</i> Schmidel = <i>Machueradeiss</i>
Mepenes	Schmidel = <i>Mapenuss</i> Ramírez = <i>Mepeus</i>



Figura 2. Detalhe da desembocadura do Rio da Prata.

Figure 2. Detail of Rio de la Plata's mouth.

essa grafia, em Barco Centenera, Cabeza de Vaca e tampouco em Herrera, mas tão somente na obra intitulada *Neurwe Welt: das ist Warhafftige Beschreibung aller schoenen Historien von Erfindung viler unbekanten Koenigreichen, Landschaften, Insulen und Stedten...* de Ulrich Schmidel⁶. Schmidel não foi arrolado nas fontes declaradas por De Laet e tampouco há qualquer alusão a esse cronista no interior do texto. Além do mais, ao longo das 17 páginas sobre o Rio da Prata, os *Paiembos*, *Baschrepos*, *Surucusis* e *Guebecusis* não aparecem, grafados dessa forma, em nenhum momento. Apenas o mapa evidencia que Schmidel foi consultado (Figura 3).

Na Figura 4, o título do capítulo 34 anuncia que, subindo o Rio Paraguai, a expedição chegou ao *Monte S. Fernando*, aos *Paiembos*, *Baschrepos* e *Surucusis*. O capítulo 35 noticia que Hernando de Rivero [Ribera] navegou rio acima e chegou aos *Guebuecusis* e *Acares*. É fácil perceber que, entre os 25 e 19 graus de latitude, o cartógrafo transpôs para o mapa a etnonímia de Schmidel.



Figura 3. Fragmento do Rio Paraguai.
Figure 3. A River Paraguay fragment.

34. Asuncion wird besetzt; wir schiffen den Fluß Paraguay hinauf; kommen zu Monte S. Fernando, Paiembos, Baschrepos und Surucusis
35. Hernando de Rivero schiffet den Fluß hinauf; wärtē, fommt zu den Guebuecusis und Acares

Figura 4. Fragmento do sumário de Schmidel (2012 [1567]).
Figure 4. Summary fragment of Schmidel (2012 [1567]).

Logo acima dos *Guebecusis*, entre 19 e 14 graus de latitude, o cartógrafo incorre num equívoco: ao trocar Schmidel por Cabeza de Vaca, parafraseado por Herrera, dois dos grupos étnicos já registrados são mapeados novamente, como se fossem outros. Os *Paiembos* e *Baschrepos*, aos quais Schmidel se refere, são grafados, agora, com a grafia de Herrera – *Paraguaes* e *Guaxarapos*. Considerando as distâncias geográficas entre o cartógrafo e o espaço cartografado, as distintas apropriações das fontes e as armadilhas linguísticas inerentes à grafia dos etnônimos, o lapso referido é compreensível.

Na outra margem do rio, o mapa apresenta os *Chanesses*, *Xaquesses* e *Xacoaes*. Cabeza de Vaca situa esses grupos numa paisagem “pantaneira” em que rios e lagoas se confundem:

Yendo caminando por el río (Iguatu) arriba, entramos por otra boca de otra laguna que tiene más de una legua y media de ancho, y salimos por otra boca de la misma laguna y fuimos por un brazo de ella junto a la Tierra Firme, y fuímonos a poner aquel día, a las diez horas de la mañana, a la entrada de otra laguna donde tienen su asiento y pueblo los indios sacociés y xaqueses y chaneses (Cabeza de Vaca, 1922 [1555], cap. LIII, p. 278-279).

Herrera apenas parafraseou esse fragmento, alterando o tempo verbal, a pessoa do discurso e a grafia de um etnônimo, da seguinte forma:

Y caminando por el Río (Iguatu) arriba, entraron por otra boca de la misma Laguna, que tiene más de legua i media de ancho, i salieron por otra boca de la misma Laguna, i fueron por un braco de ella, junto á la Tierra firme, i desde alli se fueron á poner á la entrada de otra Laguna, adonde tienen su asiento, i Pueblos los Indios Xacociés, Xaqueses, i Chaneses (Herrera y Tordesillas, 1728 [1601-1615], Libro VII, p. 127).

Quando *De Laet* redigiu seu livro sobre o Rio da Prata, fez alusão aos mesmos grupos, na mesma sequência, embora com variações vocálicas e consonantais: “Después se llega al lago del que surge el río de Paraguay, como también otro río llamado Yguatu. Los Xacoaes Xaquesses y Chanesses viven a lo largo de las riberas de este último, desde los cuales, a través de pantanos, se pasa a la Provincia

⁶ Da obra de Schmidel são conhecidos três manuscritos. A primeira edição impressa foi apresentada na feira do livro de Frankfurt, no ano de 1567. Não obtivemos uma cópia digital integral dessa edição. Apenas as referências e alguns fragmentos (Schmidel, 1567). A partir da 1597 a obra de Schmidel foi editada inúmeras vezes, sobretudo por Levinus Hulsius e Theodore de Bry, em diversos idiomas tendo como base distintos manuscritos. Tais editores não só adicionaram ilustrações, como também alteraram seu texto. Hulsius (1599), que asseverava possuir o manuscrito original, indicou, logo no título, que “fez melhoramentos e correções de nomes de cidades, países e rios” (in Kalil, 2008, p. 150). Na edição espanhola, o título foi simplificado para *Viaje al Río de la Plata*. Schmidel foi um mercenário germânico que, em 1534, se colocou a serviço da expedição militar, dirigida por Pedro de Mendoza, ao Rio da Prata. Ao longo de quase 20 anos prestou serviços aos governadores espanhóis que, no intento de alcançarem fabulosas minas de prata, lançavam expedições e estabeleciam povoados e fortalezas ao longo do curso fluvial platino. A obra de Schmidel, escrita por volta de 1567, narra as peripécias da fundação de Buenos Aires e Assunção, das incursões ao pantanal e da travessia do Gran Chaco até os pés da cordilheira andina.

de Xarayo” (De Laet, 1988 [1625], p. 913). Portanto, de Laet se refere ao itinerário de Cabeza de Vaca, parafraseado por Herrera. No seu mapa, situou os referidos grupos num mesmo espaço, na mesma sequência e com a ortografia idêntica àquela que usou no seu texto. O lapso agora é que os *Xacocies*, de Herrera, foram inscritos como *Xacoaes*, por De Laet. A explicação para essa alteração deve estar relacionada à sofrível qualidade gráfica do texto/fonte usado pelo cartógrafo. Ao que tudo indica, dois caracteres foram contraídos a ponto de se confundirem em apenas um: o “*e*” e o “*i*” demasiadamente condensados, e com qualquer rasura ou falha tipográfica no pinga do *i*, podem figurar semelhante a um *a* (*ci*). Com isso, *Xacocies* pode parecer *Xacoaes*⁷.

Subindo algo mais o Rio Paraguai, chega-se ao *Puerto de los Reyes* e ao *Lago de los Xarayes*. As crônicas e a cartografia referente a esse âmbito geográfico foram ampla e profundamente discutidas por Costa (1999, 2007). Por essa razão, nossa “viagem” rio arriba termina nos *Xacoaes*.

Desentranhar a autoria, a trama das fontes, as imprecisões e alterações gráficas no processo de transposição dos topônimos/etnônimos para o mapa em análise, são tarefas sumamente técnicas que, todavia, consideramos necessárias para evidenciar as atitudes intelectuais dos historiadores diante desse mapa. Sem esse trabalho técnico, o *PARAGUAY, Ó PROV. [...]* seguiria sendo um artefato geo-histórico obscuro, quase impenetrável. Os dois tópicos a seguir discorrem sobre uma sequência de “usos e abusos”, isto é, de apropriações “impróprias” efetuadas por historiadores e geógrafos/cartógrafos.

Apropriações geográficas e historiográficas do PARAGUAY, Ó PROV. [...]

Em se tratando da região platina, esse mapa foi a grande referência da cartografia holandesa e europeia do século XVII. A partir dele, o curso do Rio da Prata deixa de ser representado como um espaço vazio a ser preenchido com gravuras alusivas a indígenas genéricos e ao contexto colonial, de acordo com o gosto artístico do geógrafo/ilustrador⁸.

Os cursos dos rios, e os grupos étnicos que figuram às suas margens, foram tomados como modelo engessado por diversos geógrafos/editores que se apropriaram, inicialmente, do mapa de De Laet e, em seguida, das cópias de Hondius, Blaeu e Janssonius. As iteradas reedições do mesmo mapa e as inúmeras transposições dos mesmos topônimos/etnônimos, sobre mapas com escalas bem menores, denotam que a credibilidade do *PARAGUAY, Ó PROV. [...]* era tamanha que passou a ser lido como expressão de uma verdade geocartográfica absoluta.

Para ilustrar esse fenômeno, valem alguns exemplos. Em 1660, o holandês Frederik de Wit elaborou uma carta das três Américas denominada *Nova et accurata totius Americae tabula*. Nos meandros fluviais platinos, seguiu, *ipsis litteris*, o referido protótipo; nenhum etnônimo constante no modelo foi omitido (Figura 5).

Da mesma forma agiram diversos outros cartógrafos/editores – Pierre Mariete, em 1656, Gerardum



Figura 5. *Nova et accurata totius Americae tabula* (Wit, 1660).

Figure 5. *Nova et accurata totius Americae tabula* (Wit, 1660).

⁷ O fenômeno gráfico que aqui referimos, do “ci” que se transforma em “a”, foi observado por Combès e registrado em seu Dicionário Étnico da seguinte forma: “En no pocas oportunidades, los transcritores de los documentos quinientistas leyeron ‘coa’ en vez de ‘coci’: tamacoa por tamacoci etc. Si el lector encontró en algún documento publicado un nombre terminado en coa, debe buscarlo aquí con la terminación coci” (Combès, 2010, p. 55).

⁸ Até 1625, a cartografia, de uso mais geral, preenchia os “espaços vazios” da América do Sul com gravuras alusivas à fauna, aos costumes e ao trabalho colonial indígena. Carregamento de madeira, cenas de guerra e antropofagia são recorrentes nos portulanos portugueses e franceses e também na cartografia holandesa anterior ao mapa em análise. Em termos de nomenclatura étnica, porém, a cartografia precedente a De Laet foi extremamente discreta.

a Schagen, em 1671, John Seller, em 1676 e Nicholas Visscher – que elaboraram mapas com distintas escalas – alguns abrangendo apenas a região platina, outros a América Meridional e outros, ainda, todo o continente americano – nos quais os topônimos/etnônimos foram grafados com os mesmos lapsos originalmente cometidos por De Laet e na mesma sequência do mapa modelo.

Esse comportamento, sobretudo da cartografia neerlandesa (mas não exclusivamente), de reeditar insistentemente, ao longo de décadas, as mesmas inconsistentes informações geocartográficas, está associado, certamente, a políticas de sigilo e de restrição à livre circulação de topógrafos/geógrafos de nacionalidades não ibéricas. Por outro lado, evidentemente, a “ciência cartográfica” não entendia o plágio nos termos atuais. A ausência de um questionamento sobre a fonte da fonte cartográfica; em outras palavras, a reprodução acrítica do mesmo modelo, sem atualização das informações geográficas, evoca duas atitudes “científicas” medievais que, ao que parece, não foram superadas pela ciência moderna. Ao analisar a historiografia medieval, Woortmann afirma que

A inexistência de uma historiografia crítica fazia que as crônicas não passassem de repetições de outras crônicas anteriores, às quais se acrescentavam os acontecimentos posteriores a elas. Não havia nenhuma revisão crítica. Uma tal atitude obedecia ao “argumento de autoridade”; não havia por que contestar a autoridade de cronistas anteriores (Woortmann, 2005, p. 270).

Aplicando essas observações ao fenômeno cartográfico em análise, não restam dúvidas que os cartógrafos subsequentes a De Laet, e logo, a Hondius II, Blaeu e Janssonius, creditavam uma autoridade tão desmedida a

esse grupo de geógrafos/editores a ponto de se eximirem de qualquer revisão, crítica ou reparo. Seguindo as marcas deixadas pelo *PARAGUAY, Ó PROV. [...]*, desde as fontes que lhe conferiram status até sua profusa circulação e apropriação por cartógrafos e historiadores, percebe-se que as observações de Woortmann sobre a Idade Média valem também, num certo sentido, para o século XVII e, quiçá, para os dias atuais. Além do “argumento da autoridade”, a atitude de “recapitulação pia” talvez explique algo:

O “pensamento etnológico” medieval era composto de fragmentos do conhecimento antigo, repetidos e copiados de um autor a outro, seguindo o modelo da “recapitulação pia”, parte de uma atitude segundo a qual inexiste conhecimento novo. Nessa recapitulação, espaço e tempo eram confundidos (Woortmann, 2005, p. 276-277).

O contexto histórico, obviamente, era radicalmente outro. Todavia, a atitude e a qualidade “científica” dos mapas europeus, sobretudo holandeses, que representam a região platina no século XVII, se assemelham ao “pensamento etnológico” medieval. Tal como a maioria dos geógrafos/editores, Nicholas Visscher, já às vésperas do século XVIII, publicou um mapa-múndi intitulado *Novissima Totius Terrarum Orbis Tabula*. Tecnicamente, um mapa baseado sobre uma escala muito pequena não poderia aludir a detalhes geográficos pouco expressivos ou a localidades pouco efetivas. Mesmo assim, Visscher transpôs, para o seu mapa-múndi, etnônimos totalmente inconsistentes e irrelevantes na documentação histórica do Rio da Prata seiscentista, tais como *Weibingo*, *Xacoaes* e outros topônimos inconsistentes na documentação histórica rio-platense (Figura 6).

Se, no século XVII, o *PARAGUAY, Ó PROV. [...]* foi apropriado impropriamente por cartógrafos/editores,



Figura 6. *Novissima Totius Terrarum Orbis Tabula* (Visscher, 1690).
Figure 6. *Novissima Totius Terrarum Orbis Tabula* (Visscher, 1690).

no século XX alguns historiadores se ocuparam intelectualmente da suposta autoria e do valor histórico-geográfico da carta em questão. Nessa tarefa, a primeira – e de certo modo a última – palavra coube ao historiador argentino Pe. Guillermo Furlong S.J., que, entre 1930 e 1970, publicou dezenas de obras tematizando sempre o protagonismo jesuítico nos mais diversos âmbitos científicos, artísticos e literários da região platina. A obra de Furlong tornou-se, muitas vezes, ponto de partida ou referência fundamental para os historiadores das gerações seguintes. Sua eminente autoridade acadêmica, no que tange à atuação da Companhia de Jesus no Rio da Prata, raramente é ponderada ou contestada, talvez devido à persistência, no campo acadêmico, do “argumento da autoridade” ou de atitudes de “repetição pia”.

Profundamente imerso na documentação e na temática jesuítica no Rio da Prata, Furlong partiu do pressuposto de que um artefato geo-histórico tão valioso só poderia ter sido produzido por seus antigos confrades. Como não encontrou qualquer fonte inequívoca que confirmasse sua suposição, o autor tratou de circunstanciar as qualidades técnico-científicas dos hipotéticos pais criadores do *PARAGUAY, Ó PROV. [...]*. Em duas obras, Furlong sugere que dois jesuítas (Juan Romero e Diego de Torres) estiveram diretamente envolvidos na elaboração desse artefato cartográfico, entre 1593 e 1609.

El P. Juan Romero que vino del Perú en 1593 y que recorrió estos países en repetidas ocasiones desde Salta y Jujuy hasta Buenos Aires y la Asunción fué el primero que en forma científica consignó por escrito en las Litterae Annuae de 1596, publicadas en 1605, una reseña geográfica así del Tucumán como del Paraguay y Río de la Plata, reseña que hizo acompañar de un mapa. Desgraciadamente este último no ha llegado hasta nosotros (Furlong, 1994 [1933], p. 43).

Como se vê, o argumento de Furlong é que o conhecimento geográfico *in loco* foi imprescindível para a elaboração do mapa. As viagens dos superiores da Companhia de Jesus teriam permitido uma observação e descrição científica da região platina. Depois de Juan Romero, Diego de Torres teria continuado e ampliado o trabalho geográfico do antecessor:

Amplió considerablemente la información que divulgó Romero, El P. Diego de Torres al publicar las Litterae Annuae o Cartas Anuas de 1609. A él parece que se debe atribuir el célebre mapa rotulado Paraguay o Provincia de la Plata con las regiones adyacentes, Tucumán y Sta. Cruz de la Sierra, que comprende desde los 5 hasta los 37 grados de latitud y que reprodujeron

Laet en 1633, Blaeu en 1634 y 1661, Juan Jansson en 1653, Montano en 1671, Ogilby e Allard en 1696 [...] (Furlong, 1994 [1933], p. 43-44, grifo nosso).

Três anos depois, em sua obra *Cartografía jesuítica del Río de la Plata*, Furlong apresenta uma lâmina do *PARAGUAY, Ó PROV. [...]* e atribui-lhe a data de 1609. Novamente, o padre Romero é evocado como (co)autor:

El P. Romero era a la verdad un hombre capaz de trabajar un mapa con escrupulosidad y con conocimiento. Vino a nuestro país, procedente del Perú en 1593, y desde esa fecha hasta el año de 1607 fué el superior de todos los jesuitas que se hallaban en el Tucumán, Río de la Plata y Paraguay. Repetidas veces recorrió todo el territorio desde las regiones ocupadas por los indios chiquitos hasta Buenos Aires y la Asunción (Furlong, 1936, p. 21).

O Pe. Diego de Torres, como dito anteriormente, teria alargado esses conhecimentos geográficos e – pela interpretação de Furlong – anexado o mapa em pauta à Carta Ânua de 1609. Que elementos ou indícios Furlong apresenta para corroborar a hipótese, uma vez que novamente não dispunha de um mapa “original”? No excerto a seguir, o autor percebeu uma alusão ao mapa:

En las Cartas Anuas, se publica una del P. Diego de Torres escrita en mayo 17 de 1609. En ella se hace una acertada relación del Perú, Paraguay, Chile y Tucumán, relación que coincide con este mapa, de suerte que parece ser uno mismo el autor de la relación y del mapa. Por otra parte, parece que el P. Torres junto con la Carta Anua de 1609 remitió un mapa: “Loqual Podra V. P siendo seruido uer envna breue descripon quedesta Gouernacion delParaguay ydelasdeChille ytucuman que se incluyen enestapuia enuio enes taocacion a V.P” [SIC] [...] (Furlong, 1936, p. 21).

Podemos observar que os argumentos de Furlong são orientados a partir de dois pressupostos: (i) que os jesuítas eram os mais preparados e capazes de produzir uma carta geográfica; (ii) Que esse mapa só poderia ter sido elaborado por alguém que tivesse um notável currículo de viagens pela região mapeada. Assim, persuadido, o autor percebeu uma clara coincidência entre as informações geográficas da Carta Ânua de Diego de Torres e entre o *PARAGUAY, Ó PROV. [...]*. Sua convicção foi tamanha que no fragmento que fala de uma breve descrição geográfica da Governação do Paraguai Furlong percebeu uma alusão a um mapa. Da nossa parte, entendemos que qualquer leitor menos imerso no ideal de valorar a obra jesuítica

difícilmente identificará uma correlação entre a referida Carta *Ânua* e o mapa. Primeiramente, porque nenhum dos topônimos/etnônimos que analisamos acima (*Tenbuis*, *Quiloacas*, *Mequaretas*, *Paiembos*, *Baschrepos*, *Surucusis*, *Xacoaes*, *Xaquesses* e *Chanesses*) é mencionado na Carta *Ânua* de Diego de Torres (1927 [1609]). Por outro lado, grande parte da Carta *Ânua* é dedicada às recém-fundadas missões jesuíticas no estado de Arauco e nas Ilhas de Chiloés, no Chile. No entanto, nenhum desses espaços de atuação jesuítica figura no mapa. Ou seja, o que está na Carta *Ânua* não está na referida carta geográfica; e o que está na carta geográfica não está na *Ânua*.

Mesmo sabendo que diversos editores holandeses haviam publicado o *PARAGUAY, Ó PROV. [...]*, para Furlong a paternidade jesuítica dessa carta é inequívoca. A explicação para o lapso temporal entre a Carta *Ânua* de 1609 e a edição de De Laet (1925) é que o modelo original ainda não havia sido encontrado. Os exemplares aos quais teve acesso teriam sido reproduzidos posteriormente: “Las únicas ediciones que hemos podido ver son muy posteriores a la fecha en que fué compuesto este mapa” (Furlong, 1936, p. 22). Vale destacar que Furlong conhecia a primeira edição de De Laet; todavia, não se embrenhou no texto e nas fontes usadas pelo geógrafo holandês. Ou seja, a força dos pressupostos subjacentes impediu que Furlong conjecturasse a possibilidade de que esse mapa pudesse ter sido elaborado a partir de fontes muito anteriores às Cartas *Ânuas* jesuíticas, num gabinete, na longínqua Holanda, em 1625.

Além de Furlong, Jacques Marie de Mahieu examinou o *PARAGUAY, Ó PROV. [...]* a partir de pressupostos raciais deploráveis. De Mahieu foi um francês alinhado ao regime colaboracionista de *Vichy* e que, segundo consta em diversos *blogs*⁹, foi capitão das “gloriosas Waffen-SS”, onde integrou a “famosa División Carlomagno” – um batalhão francês que defendeu, até o derradeiro colapso, o *bunker* de Hitler. Ao término da Segunda Guerra Mundial, De Mahieu, tal como centenas de outros nazistas, se asilou na Argentina peronista, onde logo obteve a naturalidade argentina. Na pátria que o acolheu, De Mahieu prontamente foi promovido a importantes cargos políticos e acadêmicos tais como: *director de la Escuela Superior Peronista*; *Profesor Extraordinario de la Universidad Nacional de Cuyo*; *Vicerrector y Decano de la Facultad de Ciencias Políticas*, *Profesor del Comando de Fuerza Aérea*, *Asesor de Rectorado de Antropología*.

A leitura/apropriação que Jacques de Mahieu fez do *PARAGUAY, Ó PROV. [...]* é apenas um elemento complementar no conjunto das elucubrações nazi-científicas

do autor. Em diversos livros¹⁰, a tese principal é que todo o continente americano teria sido colonizado por raças arianas, sobretudo por povos escandinavos. As grandes civilizações indígenas, da América Central e dos Andes, compartilhariam um legado histórico, simbólico, cosmológico e racial com os vikings. Inúmeros sítios arqueológicos do México, do Peru, do Paraguai (Amabay) e do Brasil (Sete Cidades, no Piauí) teriam evidências arqueológicas e rupestres de escritas rúnicas e de divindades mitológicas de origem viking. Suas obras são marcadas por uma obsessiva busca por provar que as terras do sul da América do Sul também foram racialmente fertilizadas por ancestrais arianos. Para isso, De Mahieu apelou para “indícios” linguísticos, mitológicos, arqueológicos, “genéticos” (a cor da pele dos Aché/Guayaki do Paraguai atestaria uma origem nórdica) e, finalmente, cartográficos. Na opinião do autor, o mapa em questão apresentaria provas inequívocas da presença viking no antigo Paraguai.

Como ponto de partida, De Mahieu aceita piamente a hipótese de Furlong de que o *PARAGUAY, Ó PROV. [...]* seria um mapa jesuítico, datado de 1609. Em seguida, chamou atenção para quatro topônimos, três dos quais, teriam, indubitavelmente, raízes de idiomas escandinavos – Weibingo, *Storting*, *Tocanguzir*, *Abangobi*. Esses topônimos teriam sido núcleos de povoamento viking que conectariam os impérios andinos, sobretudo Tiwanaku, ao litoral atlântico (De Mahieu, 1979a, p. 132-134).

Para referendar sua teoria, De Mahieu tomou o mapa como uma fonte elaborada por cartógrafos jesuítas, *in loco*. Por esse motivo, não perscrutou as possíveis fontes históricas que lhe deram origem. Ao perceber que Schmidel denominava determinado povoado de *Weibingo* e que Cabeza de Vaca havia passado por *Tocanguzir* e *Abangobi*, De Mahieu optou por afirmar que o mapa “jesuítico” era uma fonte a mais que confirmava esses cronistas. Assim sendo, duas fontes distintas confirmariam a existência desses topônimos, razão pela qual De Mahieu não confrontou o mapa com as crônicas quinhentistas que, como vimos, são as únicas fontes que alimentaram o mapa. Diante dos topônimos/etnônimos referidos, a atitude intelectual de De Mahieu foi de tentar decifrar a etimologia dos mesmos partindo de étimos nórdicos. Agindo assim, a explicação para Weibingo seria:

Pero sí tiene un sentido clarísimo en danés [dinamarquês]. En efecto, está compuesto de vej, camino, y vink, señal, o vinkel, ángulo. Estas dos últimas palabras, por lo demás, tienen la misma raíz. [...].

⁹ Na internet, há diversos *blogs* que difundem a biografia e as obras de De Mahieu. Um deles é mantido pelo seu filho Xavier M. de Mahieu (2011). Outros estão a serviço da difusão de movimentos nacionalistas, sobretudo, argentinos: *Tribulaciones Metapolíticas* (2013) e *Taringal* (s.d.).

¹⁰ Dentre as obras de Jacques de Mahieu que mais se ocupam do referido mapa destacamos: *La agonía del Dios Sol* (1977); *El gran viaje del Dios Sol: los vikingos en México y en el Perú* (967-1532) (1976); *El rey vikingo del Paraguay* (1979a); e *La geografía Secreta de América antes de Colón* (1979b).

Había, en aquel tiempo, varios jesuitas austríacos en la provincia del Río de la Plata. Probablemente uno de ellos colaboró en la confección del mapa. Tenemos, pues: Señal del Camino o Ángulo del Camino: el lugar donde el camino del Perú gira, en efecto, del norte al oeste (De Mahieu, 1977, p. 89).

Para Schmidel, *Weibingo* seria a denominação de uma – entre tantas outras – aldeia de guarani falantes na qual a expedição de conquista se provia de alimentos enquanto arribava o curso do Rio Paraguai. Segundo o cronista, nesse povoado que se chama *Weybingon*, distante 80 léguas da cidade de Nossa Senhora da Assunção, a expedição tomou, destes Cários, comida e tudo o mais que fazia falta e o que pôde conseguir (Schmidel, 1889 [1567], p. 48)¹¹. Schmidel, o primeiro e único cronista a nomear esse topônimo daquela forma, não faz qualquer distinção étnico/racial dos Cários de *Weybingon* em relação aos demais.

No mais, a decomposição analítica das partículas que supostamente formam os topônimos/etnônimos que figuram no mapa segue sempre a mesma lógica: quando devidamente ponderados e ajustados, todos os fonemas indiciam uma ancestralidade germânica no interior do antigo Paraguai.

En ese lugar [do mapa], notamos dos nombres. Uno de ellos, Abangobi, es vocablo guaraní mal ortografiado y significa “Multitud de indios”, de hovi, amontonar, y aua indio. En las trascripciones de la época, la h aspirada se escribía generalmente g. La otra palabra, Tocanguzir, es danesa. Viene de toga, genitivo plural de tog, expedición – la n es evidentemente fonética, como en Abangobi – y husir, nominativo plural de hus, casa. Significa, pues, “Casas de las Expediciones”. [...] Tocabusir, por lo tanto, es indiscutiblemente un vocablo norrés [língua dos vikings] (De Mahieu, 1976a, p. 89).

Nas análises historiográficas mais recentes, sobre o *PARAGUAY, Ó PROV. [...]*, a autoria jesuítica foi colocada em xeque. Costa (1999, p. 142), ao sondar as representações da Laguna de Xarayes, percebeu que a trama autoral e gráfica dessa gravura situava-se nas escolas cartográficas holandesas das famílias Hondius e Blaeu. Além do mais a autora comparou fragmentos do texto explicativo do Atlas de Blaeu com passagens de Antonio de Herrera, publicado 3 décadas antes, constatando que o texto de Blaeu: “[...] é

exatamente o mesmo, chegando, inclusive, a incorrer nos mesmos erros [...]” (Costa, 1999, p. 143). O fato de não levar em consideração a sugestão “jesuítico-cêntrica” de Furlong e de buscar as fontes (Herrera) que alimentaram o mapa denota uma atitude de autonomia intelectual que resultou num considerável avanço nas análises envolvendo esse artefato cartográfico.

Na obra *O Mergulho no Seculum* (2013), Arthur Barcelos estuda a exploração, a conquista e a organização do espaço da Hispano-América colonial pela Companhia de Jesus. As fontes cartográficas usadas pelo autor foram coletadas por dois historiadores jesuítas – Guillermo Furlong (1936) e Ernest Burrus (1967) – que, entre as décadas de 1930-1970, organizaram e publicaram coleções de mapas coloniais produzidos por seus antigos confrades. No capítulo 4º Barcelos propõe uma revisão da cartografia jesuítica e, de imediato, se depara como o *PARAGUAY, Ó PROV. [...]*, que, como visto anteriormente, é o primeiro mapa da coletânea de Furlong. Ao abordar a questão da elaboração/autoria Barcelos se afasta das convicções de Furlong e se aproxima da interpretação de Costa (1999, p. 383-384):

Segundo Furlong, este mapa seria de princípios do século XVII, indicando o ano de sua elaboração como sendo o de 1609, e chegando a levantar a hipótese de que seu autor fosse o Padre (p. 383) Diego de Torres. É sem dúvida anterior à fundação das reduções do Tape, Guairá e Itatin, [...]. Maria de Fátima Costa, ao comentar este mesmo mapa, dá como seu autor Jodocus Hondius II e destaca que seus mapas foram vendidos pouco antes de sua morte, em 1629, figurando nas publicações de Janssonius e Blaeu, de 1630, entre eles o Paraguay ó Provincia. Estando correta a informação de Fátima Costa, a tese da autoria de Diego de Torres cai por terra. Porém, permanece a dúvida sobre qual teria sido a fonte das informações geográficas e cartográficas utilizadas por Hondius II para a criação de seu mapa.

Nesse excerto, o autor evita atribuir uma autoria e definir uma data de elaboração para o mapa. Na avaliação de Barcelos, ambas as proposições necessitam evidenciar melhor “[...] a fonte das informações geográficas e cartográficas [...]”. O presente trabalho procurou suprir essa lacuna, identificada por Barcelos, ao perceber que, sem um tratamento técnico das fontes acionadas, da data e da au-

¹¹ Na edição de 1889, baseada num manuscrito de Munique (Münchener Handschrift) da obra de Schmidel consta: “Do wir aber zuletzt zu der Carios fleckhenn khomen, welcher da heist Weybingon unnd liegt 80 meil vonn der stat Nostra Singnora de Sunsion, da namen wir vonn diesen Carios profannt unnd annder sachen, was wir der notturft nach überkhumen mochten pey inen”. Samuel A. Lafone Quevedo, que escreveu o prólogo, as notas e fez a tradução de Schmidel, do alemão para o espanhol, entendia que *Weibingo* era uma germanização de *Guayviaño* nome pelo qual Álvaro Núñez Cabeza de Vaca se refere à última aldeia de guarani falantes às margens do Rio Paraguai, antes de adentrar ao bioma atualmente conhecido como Pantanal (Schmidel, 1903 [1567], nota 386).

toria, o mapa seria incapaz de suscitar novos conhecimentos históricos. Se, por um lado, a obra de Furlong segue sendo uma referência eloquente tanto pelo acervo cartográfico que compreende quanto pelas impropriedades históricas, relacionadas à magnificação dos empreendimentos missionários jesuítico-coloniais, por outro, os trabalhos mais recentes conseguem ponderar, se desvencilhar e superar suas premissas.

Entendemos que, para tornar o mapa um documento histórico profícuo, é necessário, nalguns casos, suspender todos os comentários e hipóteses proferidas anteriormente e voltar a atenção para as fontes que originaram essa fonte. Combès formulou essa atitude de uma maneira original e profunda, nos seguintes termos: “No sólo que las fuentes también tienen sus fuentes, su propia historia y su propia estratigrafía que debemos excavar antes de pretender entender la historia que cuentan; sino, sencillamente, que con estas fuentes hay que hacer historia” (Combès, 2011). No processo de análise da elaboração do *PARAGUAY, Ó PROV. [...]*, e da apropriação desse mapa ao longo dos séculos, essa recomendação nos pareceu mais apropriada e pertinente do que nunca. Se não buscássemos as fontes da fonte, *não entenderíamos sua história*, não desconstruiríamos as apropriações impróprias sofridas pela referida carta geográfica e, tampouco, agregaríamos novos conhecimentos históricos ao âmbito de temas que lhe são concernentes.

Considerações finais

Concluir um artigo significa, por um lado, encerrar um texto e, por outro, abri-lo e dispô-lo para que seja apropriado pela comunidade acadêmica. À guisa de encerramento, convém observar que nossa análise esteve voltada a dois âmbitos: (i) o processo de criação e circulação do *PARAGUAY, Ó PROV. [...]* e (ii) sua apropriação por personagens portadores de diversos interesses e ideários em distintos momentos históricos.

Em relação ao primeiro âmbito, observamos como De Laet criou um mapa repleto de acidentes geográficos, topônimos e etnônimos que revelam o processo criativo e a diversidade de fontes que abarcam relatos de expedições de conquista, roteiros náuticos, crônicas oficiais e poemas épicos. A reprodução profusa do mapa de De Laet, diretor da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, por diversas casas editoriais, atesta o vigor da indústria editorial de atlas, na esteira da navegação comercial holandesa, no século XVII.

Embora a noção de apropriação, pautada em Chartier – que se refere à maneira como determinado produto (texto, imagem, artefato arqueológico, mapa) é lido em circunstâncias ou momentos históricos distintos daquele em que foi produzido –, perpassasse os dois âmbitos do texto, sua relevância se evidencia ao acompanharmos

as abordagens de historiadores do século XX. Nesse sentido, percebemos que o valor histórico do *PARAGUAY, Ó PROV. [...]* reside tanto no próprio mapa (na sua gênese, propósito e repercussão) quanto nas apropriações que ele suscitou nos ambientes acadêmicos. No século passado, essa carta geográfica não foi lida como uma representação de um espaço físico de um dado momento histórico, e sim como um artefato simbólico de posições e convicções intelectuais, ora “fanáticas”, ora sinistras.

Diante do mapa em questão, Furlong (1936, 1994 [1933]) levantou hipóteses que atendiam aos seus anseios de louvação da Companhia de Jesus, e De Mahieu (1979a, 1979b) buscou e “encontrou” indícios de uma presença ariana na América, sobretudo no Paraguai, pré-colonial.

Partindo das afirmações e insinuações desses autores, intentamos, nesse âmbito, chamar atenção para: (i) a inconsistência/incompatibilidade das fontes que, segundo Furlong (1936, 1994 [1933]), indicavam uma autoria jesuítica do *PARAGUAY, Ó PROV. [...]*; (ii) os juízos de louvor e o esforço de tornar o referido artefato cartográfico uma propriedade autoral dos jesuítas, que atuaram nas missões do Paraguai, no período colonial, e um valor simbólico pertencente aos sucessores daqueles; (iii) a apropriação do mapa a partir da premissa de que cartógrafos jesuítas haviam registrado nele diversos topônimos de origem viking. Esse modo de apropriação, tentamos demonstrar, não pode ser tratado com leviandade, como eventual resultado da ingenuidade, da indigência mental ou da incipiência científica da antropologia e da história pré-colonial sul-americana, no século XX. Trata-se, sim, de uma apropriação nazi-científica, segundo a qual o referido mapa é um documento extraordinário, portador de cifras inequívocas e incontestes da presença da raça ariana na origem das civilizações andinas e no interior do Paraguai pré-colonial. De Mahieu se coloca na posição de um decifrador de enigmas que, no fim das contas, sempre revelam a onipresença e a supremacia da raça ariana no mundo.

Para desconstruir e superar o “jesuítico-centrismo” de Furlong e a obsessão doutrinária pró-nazi de De Mahieu e, de quebra, agregar novos conhecimentos ao tema em pauta, não vemos outra alternativa a não ser uma profunda retomada crítica das fontes, já que estas têm suas próprias fontes.

Referências

- BARCO CENTENERA, M. del. 2002 [1602]. *La Argentina: poema histórico*. Edición digital. Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/la-argentina-poema-historico--0/>. Acesso em: 21/01/2015.
- BARCELOS, A.H.F. 2013. *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*. Porto Alegre, Animal, 694 p.

- BURRUS, E.J. 1967. *La obra cartográfica de la Provincia Mexicana de la Compañía de Jesús (1567-1967)*. Madrid, Ediciones José Porrúa Turanzas, 2 vols.
- CABEZA DE VACA, A.N. 1922 [1555]. *Naufraios y comentarios*. Madrid, Calpe.
- CHARTIER, R. 1990. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Difel, 244 p.
- COMBÈS, I. 2011. Catherine Jean Julien (1950-2011). *Journal de la Société des Américanistes*, 97(2). Disponível em: <http://jsa.revues.org/11994>. Acesso em: 22/06/2014.
- COMBÈS, I. 2010. *Diccionario étnico: Santa Cruz la Vieja y su entorno en el siglo XVI*. Cochabamba, Itinerarios/Instituto de Misionología, 406 p. (Colección Scripta Autochtona, 4).
- COSTA, M. de F. 1999. História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo, Estação Liberdade/Kosmos, 277 p.
- COSTA, M. de F. 2007. De Xarayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 45:21-36. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34580>. Acesso em: 11/04/2015.
- <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i45p21-36>
- DE LAET, J. 1625. *Nieuwe Wereldt ofte Beschrijvinghe van West-Indien, uit veelerhande Schriften ende Aen-teekeningen van verscheiden Natien*. Leiden, Ed. Elsevier, Isaac, 510 p. Disponível em: <https://archive.org/stream/nieuwewereldtofo00laetrich#page/n447/mode/2up>. Acesso em: 10/04/2015.
- DE LAET, J. 1988 [1625]. *Mundo Nuevo, O Descripción de Las Indias Occidentales*. Caracas, Universidad Simón Bolívar, 681 p.
- DE MAHIEU, J. 1976. *El gran viaje del Dios Sol: los vikingos en México y en el Perú (967-1532)*. Buenos Aires, Editorial Hachette.
- DE MAHIEU, J. 1977. *La agonía del Dios Sol: los vikingos en el Paraguay*. Buenos Aires, Hachette, 193 p.
- DE MAHIEU, J. 1979a. *El rey vikingo del Paraguay*. Buenos Aires, Editorial Hachette, 180 p.
- DE MAHIEU, J. 1979b. *La geografía secreta de América antes de Colón*. Buenos Aires, Editorial Hachette, 182 p.
- DE MAHIEU, X.M. 2011. (Jacques) Jaime Maria de Mahieu Murió el 4 de Octubre de 1990 Dejó una gran Obra. Disponível em: <http://jacquesmariemahieu.blogspot.com.br/2011/08/httpswww.html>. Acesso em: 02/09/2014.
- FUNDACIÓN SAN MILLÁN DE LA COGOLLA. 1620. *Amsterdami, Apud Guiljelmum Blaeuw, Anno MDCXXXI*. Disponível em: <http://www.fsanmillan.es/biblioteca/guillermo-j-blaeu-cosmographica-blaviana-parte-v-appendix-theatri-ortelii-er-atlantis-g>. Acesso em: 10/04/2015.
- FURLONG, G. 1936. *Cartografía jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires, Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser, 2 vols., 228 + p. 51 planos.
- FURLONG, G. 1994 [1933]. *Los jesuitas y la cultura rioplatense*. Buenos Aires, Editorial Huarpes, 284 p.
- GIRARDI, G. 2009. Mapas desejan: uma agenda para a Cartografia Geográfica. *Pro-Posições*, 20(3):147-157. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/edicoes/texto689.html>. Acesso em: 11/04/2015.
- GOMES, M. do C.A. 2004. Velhos mapas, novas leituras: revisitando a história da cartografia. *GEOSP – Espaço e Tempo*, 16:67-79. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/geosp/ojs-2.2.4/index.php/geosp/article/view/402>. Acesso em: 11/04/2015.
- <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2004.73955>
- HARLEY, B. 2005. *La Nueva Naturaleza de los mapas: ensayos sobre la historia de la cartografía*. México, Fondo de Cultura Económica, 398 p.
- HAKLUYT, R. 1904 [1600]. *The principal navigations, voyages, traffiques & discoveries of the English nation, made by sea or over-land to the remote and farthest distant quarters of the earth at any time within the compass of these 1600 yeeres*. Oxford, Publishers to the University. Disponível em: <https://archive.org/details/principalnavigat11h-akluoft>. Acesso em: 21/01/2015.
- HERRERA Y TORDESILLAS, A. de. 1728 [1601-1615]. *Historia general de los hechos de los castellanos en las islas i tierra firme del mar océano*. Madrid, Imprenta Real de Nicolas Rodriguez Franco, vol. 3.
- KALIL, L.G.A. 2008. *A conquista do Prata: análise da crônica de Ulrich Schmidel*. Campinas, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 194 p.
- LESTRINGANT, F. 2009. *A oficina do cosmógrafo, ou a imagem do mundo no Renascimento*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 319 p.
- MAFFESOLI, M. 2001. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia*, 1(15). Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/285>. Acesso em: 21/01/2015.
- SCHMIDEL, U. 1567. *Neurwe Welt: das ist Warhafftige Beschreibunge aller schoenen Historien von Erfindung viler unbekanten Koenigreichen, Landschaften, Insulen und Stedten...* Frankfurt-am-Main, Martin Lechler for Sigmund Feyerabend and Simon Hueter.
- SCHMIDEL, U. 1903 [1567]. *Viaje al Río de la Plata*. Cervantes virtual. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12586186423471506765435/index.htm>. Acesso em: 19/05/2008.
- SCHMIDEL, U. 1889 [1567]. *Ulrich Schmidels Reise nach Süd-Amerika in den Jahren 1534 bis 1554*. Stuttgart, Literarischer Verein. (Bibliothek des Literarischen Vereins in Stuttgart, vol. 184).
- SCHMIDEL, U. 2012 [1567]. *Reise in der Neuen Welt*. Salzwasser-Verlag, 184 p. Disponível em: d-nb.info/362326576/04. Acesso em: 10/04/2015.
- SWAEN, P. 2014. A rare collection of maps produced at the beginning of the rivalry between the houses of Blaeu and Hondius: Setting the new trend for Amsterdam Atlas production: Jodocus Hondius jr. atlas of 1630 and the sale of copper plates to Willem Blaeu. Disponível em: <http://www.swaen.com/jodocus-hondius-1629.php>. Acesso em: 18/02/2014.
- TARINGA! [s.d.]. Disponível em: <http://www.taringa.net/comunidades/2-guerra-mundial/3050050/Jacques-M-de-Mahieu---soldado-y-cientifico-Franco-Argent.html>. Acesso em: 02/09/2014.
- TORRES, D. de. 1927 [1609]. *Carta Annu*. Buenos Aires, Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser, 716 p. (Documentos para la Historia Argentina, Tomo XIX).
- TRIBULACIONES METAPOLÍTICAS. 2013. Disponível em: <http://adversariometapolitico.wordpress.com/2013/10/10/homenaje-a-jacques-de-mahieu/>. Acesso em: 02/09/2014.
- VISSCHER, N. 1690. *Novissima Totius Terrarum Orbis Tabula [...]* In Atlas minor sive geographia compendiosa qua orbis terrarum per paucas attamen novissimas tabulas ostenditur 1695. National Library of Australia. Disponível em: <http://nla.gov.au/nla.map-rm80>. Acesso em: 10/04/2015.
- WIT, F. de. 1660. *Novae et accuratae totius Americae tabula*. Disponível em: Norman B. Leventhal Map Center at the Boston Public Library. Disponível em: <http://maps.bpl.org/id/m8705>. Acesso em: 10/04/2015.
- WOORTMANN, K. 2005. O selvagem na “gesta Dei”: história e alteridade no pensamento medieval. *Revista Brasileira de História* 25(50):259-314. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-0188200500020001. Acesso em: 11/04/2015.

Fontes primárias

- BLAEU, G.J. 1631. *Cosmographiae Blavianae*. (Appendix Theatri a. Ortelii et Atlantis g. Mercatoris). Amsterdam, Parte V.
- BLAEUW, G. 1616. Paraguay [Cartográfico]: cum reionibus adacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra. Guiljelmus Blaeuw excudit, Ano: [1616?]. Biblioteca Nacional Digital/Brasil. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart527467.jpg . Acesso em 10/04/2015.
- BLAEUW, G. 1631 [1620]. Paraguay, o prov. de Rio de La Plata cum regionibus adiacentibus Tucuman et Sta Cruz de la Sierra. In: G.J. BLAEU, *Cosmographiae Blavianae*, Parte V. (Appendix Theatri A. Ortelii et Atlantis G. Mercatoris). Parte VI. Instituição: Fundación San Millan de Cogolla. Disponível em: <http://www.fsanmillan.es/biblioteca/guillermo-j-blaeu-cosmographiae-blavianae-parte-v-appendix-theatri-ortelii-et-atlantis-g> . Acesso em: 10/04/2015.
- DE LAET, I. 1625. Paraguay, ó Prov. de Rio de La Plata; met de aenpalende landen van TUCUMAN, ende STA. CRUZ DE LA SIERRA. In: I. DE LAET (ed.), *Nieuwe Wereldt ofte Beschrijvinghe van West-Indien, uit veelerhande Schriften ende Aen-teekeningen van verscheyden Natien*. Leiden, Ed. Elsevier, Isaac, 510 p. Disponível em: <https://archive.org/stream/nieuwwereldtofo0laetrich#page/n447/mode/2up> . Acesso em 10/04/2015.
- HONDIUS, J. 1613. Paraguay, o Prov. de Rio de La Plata cum regionibus adiacentibus Tucuman et Sta Cruz de la Sierra. Hondius, Jodocus I (1563-1612). Ed. Judocus Hondius excudit Amstelodami. 1613: Bibliotheque Nationale de France - Gallica Bibliotheque Numerique. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8596657h.r=Paraguay%2C+o+prov.langPT> . Acesso em: 10/04/2015.
- HONDIUS, J. 1629. Paraguay ó prov. de Rio de La Plata cum regionibus adjacentibus, Tucuman et Sta Cruz de la Sierra. Judocus Hondius excudit (Amstelodami). 1629. Bibliotheque Nationale de France - Gallica Bibliotheque Numerique. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55004743q.r=Paraguay.langPT> . Acesso em 10/04/2015
- IANSSONIUS, I. 1630. Paragvay, o prov. de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus Tvcvman et Sta Crvz de la Sierra. Ioannes Ianssonius. 1630. Institut Cartogràfic de Catalunya - Cartoteca Digital. Disponível em: <http://cartotecadigital.icc.cat/cdm/singleton/collection/america/id/660/rec/2>. Acesso em: 10/04/2015.
- JANSSON, J. 1624. *Novus Atlas, Das ist Welt-beschreibung*. Bandzählung 3: Italien, Asien, Africa und America. Online-Katalog der ULB Düsseldorf. Disponível em: <http://digital.ub.uni-duesseldorf.de/urn:nbn:de:hbz:061:1-35888>. Acesso em: 11/04/2015.

Submetido: 04/09/2014

Aceito: 27/02/2015